

2015: A GRANDE MENTIRA DESCOBERTA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“Uma mentira pode salvar seu presente, mas condena seu futuro”

Buda

Desde a comprovação do mensalão, o Brasil vive uma série de descobertas sobre a gravidade do processo político que se enraizou no país. As mentiras se espalharam no Brasil na tempestade de populismo que veio com Lula e posteriormente com sua escolhida, eleita, desde 2011. No projeto de poder instaurado no Brasil por essa turma não há espaço para ética, não há o respeito à verdade e, muito menos, compromissos com o futuro. Isso é assustador.

Após 4 anos de pílios resultados e, ao contrário do que pregou o governo, de efetiva perda de governança, chegaram as eleições em novembro de 2014 para Presidente da República. O maquiavelismo lulista novamente trabalhou para dividir sobre o Brasil em ricos e miseráveis. Estatísticas e maquiagens criaram uma grande mentira: o Brasil vai muito bem e ficará melhor; uma eventual troca de governo acabará com os programas sociais; se há problemas é função da crise internacional; e por aí foi. Aqueles que vivem a economia real sabiam das mentiras, sofismas, enfim do golpe que seria dado à população brasileira.

No final de 2014, o Brasil assistiu talvez a um dos maiores golpes eleitorais (mentiras) que o mundo democrático já viu. Mas assim como uma gota de veneno compromete um balde inteiro, também a mentira, por menor que seja, estraga toda a nossa vida (Gandhi).

O Brasil acordou em 2015 enredado em uma soma de mentiras e de corrupção que o deixou de joelhos. O custo disso à sociedade brasileira será monumental. O que ainda é dúvida é a reação dos brasileiros que teve um início muito positivo no 1º semestre de 2015 (movimentos nas ruas) mas que aos poucos foi se esvaindo. Dizia Bismarck (Otto) que nunca se mente tanto como em véspera de eleições, durante a guerra e depois da caça. Mas em 2014, mais que as mentiras, escondeu-se uma terrível verdade: o Brasil estava quebrado e o discurso da oposição era real.

Se o país foi enganado em 2014, o setor sucroenergético foi abandonado desde o 2º governo Lula. A partir de 2006 a CIDE, alma das políticas públicas implantadas para a desregulamentação desse setor em 2002 (FHC), foi desmontada ano a ano até zerar em 2012; os leilões públicos para energia elétrica “moeram” as expectativas da biomassa cana.

Assim, 2015 reinaugurou o novo reencontro do Brasil com as trevas. Na boca, o gosto amargo de perdas profundas, desde a da credibilidade que acabou definindo um “downgrade” ao país como padrão de investimento, o crescimento do endividamento do setor canavieiro, até a queda efetiva dos investimentos nesse setor.



Como maior produtor de commodity milenar, em 2015 houve no Brasil o positivo despertar das lideranças em qualificar em letras garrafais o extermínio planejado do setor sucroenergético por um governo que conseguiu fazer o mesmo com a Petrobrás. Só não fez com a cadeia produtiva da cana-de-açúcar porque o mercado em 2015 iniciou um processo de mudança. Mesmo assim foram quase cem unidades industriais aniquiladas ou em fase de extinção.

Um rápido olhar sobre a economia brasileira revela a deterioração dos índices macroeconômicos e as sequelas que indicam uma lenta e longa recuperação, se houver clara mudança de rumo do governo brasileiro. O mesmo olhar sobre o setor sucroenergético indica grave crescimento do endividamento, estagnação em capacidade industrial e redução efetiva dos investimentos em renovação do canavial. Por outro lado, os humores do mercado vem mostrando mudanças importantes:

- a) Aperto da oferta de etanol frente a um crescimento excepcional da demanda do etanol hidratado que, com a modificação do “mix” do Centro-Sul, trouxe recuperação forte nos preços.
- b) A ação do El Niño na Ásia, principalmente, reduzindo também a oferta de açúcar e gerando uma potencial safra internacional 2015/16 com déficit de produção.
- c) Fundos especulativos que voltaram às compras do açúcar, suportando, mesmo com os conhecidos excedentes de açúcar, os preços do produto em patamar mais elevados.

De qualquer forma, o ano canavieiro de 2015, na safra 2015/16, foi salvo pelas chuvas, para todos. No entanto, poucos são aqueles que tem estoques dos produtos da 2015/16 para aproveitar a recuperação dos preços. Aliás, poucos também são os que enfrentarão a entressafra em 2016 em condições de boa manutenção industrial e reforma do canavial no plantio da cana de ano e meio.

O que se vê em termos de possibilidades de mudanças no campo energético no Brasil é pouco. A Petrobrás segue com imensas dificuldades financeiras e precisa de preços novos dos combustíveis. Por outro lado, o governo federal precisa de arrecadação adicional e a CIDE pode ser uma opção com as enormes dificuldades de aprovação da CPMF. Em ambos os casos há o problema da inflação e os impactos dos combustíveis e tudo indica que essa(s) medida(s) deveria(m) acontecer ainda em 2015! Mas quem tomará a decisão?

Em dezembro/15 na COP 21, o tema da descarbonização dos combustíveis foi discutido, valorizando as externalidades dos renováveis. No entanto, há uma pedra no caminho, como sempre acontece: o foco global é o combate ao terrorismo e se descobriu que o “ISIS” faz dinheiro com o petróleo. Como serão os bombardeios e quais os alvos? E as ações terroristas?

Esses são fatos. O mundo vive uma nova fase de medo e de guerra. O Brasil vive uma fase de busca da verdade, da demonstração do poder da mentira e nesse encontro de contas, o vácuo de conceitos e a ausência de lideranças carrega o ambiente interno de inseguranças, de uma tendência perigosa de acomodação. Há os discursos de “mudar já” e o de “não se deve colocar gasolina para apagar incêndio”. Esse maquiavelismo sustenta o velho armário carcomido de cupins que se transformou o mundo político brasileiro.

Quem sabe 2016 trará a verdade!